

GÊNERO E DOCÊNCIA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA COM UM GRUPO DE DISCUSSÃO

GENDER AND TEACHING: CONSIDERATIONS FROM AN EXPERIENCE WITH A DISCUSSION GROUP

Beatriz de Oliveira Chapiesk¹
Talita Bárbara Pedro²
Rafael Bianchi Silva³

Resumo: O presente trabalho produz uma reflexão acerca da temática de gênero na formação de professores(as) a partir de uma experiência com um grupo de discussão. Tal proposta teve como objetivo promover discussões e trocas de experiências entre as(os) participantes dando enfoque às conquistas e dificuldades encontradas para o trabalho com o tema no contexto escolar. A partir da proposição da necessidade de desconstrução dos preconceitos e posicionamento pela defesa de direitos, a realização do grupo buscou produzir questionamentos acerca da concepção de gênero e seus desdobramentos e introduzir um debate sobre o tema de forma a circular representações e vivências das participantes de modo a dar voz a diversidade existente. Foi observada ampla dificuldade em inserir o debate sobre gênero nas instituições escolares, tendo por destaque a resistência de pais e professores observadas pelas participantes no cotidiano de seu trabalho. Por fim, conclui-se a necessidade de ampliar a realização de processos de formação docente que envolvam diferentes campos do conhecimento, de modo a balizar o enfrentamento pela escola da discriminação, preconceito e qualquer outra forma de opressão e violência disseminados na sociedade.

Palavras-chave: Gênero, Docência, Formação de professores(as), Grupo de Discussão.

Abstract: This work produces a reflection on the theme of gender in teacher education from an experience with a discussion group. This proposal aimed to promote discussions and exchanges of experiences among the participants, focusing on the achievements and difficulties encountered in working with the theme in the school context. From the proposition of the need to deconstruct prejudices and position for the defense of rights, the organization of the group sought to raise questions about the concept of gender and its consequences and to introduce a debate on the theme in order to circulate the participants' representations and experiences in a way to give voice to diversity. It was observed in the speech of the participants a wide difficulty in inserting the debate on gender in school institutions, highlighting the resistance of parents and teachers observed by the participants in their daily work. Finally, it is concluded that there is a need to expand the performance of teacher training processes that involve different fields of knowledge, in order to guide the school's confrontation of discrimination, prejudice and any other form of oppression and violence disseminated in society.

Keywords: Gender. Teaching. Teaching Formation. Discussion Group.

¹ Psicóloga formada pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Email: beatriz.chapiesk98@gmail.com

² Psicóloga formada pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Email: talitab.pedro@gmail.com.

³ Pós-doutor em Psicologia (UEM). Doutor em Educação (Unesp/Marília). Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Email: rafael.bianchi@uel.br

1 INTRODUÇÃO

A questão de gênero vem sendo discutida e construída no decorrer da história, devido a partir da luta pela igualdade, pela garantia de direitos e de melhores condições de vida, de grupos segregados e oprimidos (como é o caso da população LGBTQIA+, negros e mulheres) buscando dar visibilidade e espaço a esses sujeitos nas diferentes instituições sociais às quais atuam, destacando-se, dentre elas, a escola (SOUZA; SOBRAL, 2018).

Sendo sustentada pelas relações de força e violência em uma sociedade fundamentada pelo patriarcado - o que faz com que modos de ser e agir sejam específicos, tendo homens e mulheres papéis diferentes, em que essas diferenças hierarquizam as posições ocupadas em diversos ambientes – observa-se nos debates em torno da questão de gênero, uma tendência em colocar o feminino em desvantagem frente ao masculino, o que justifica e reitera a importância de uma ação política em torno da defesa de direitos (MACHADO *et al.*, 2017).

Segundo Louro (2014), identidades de gênero e sexuais são constituídas e definidas por meio das relações sociais, demarcadas por forças sociais que se emaranham em redes de poder. Desse modo, a sexualidade é uma questão política, social e cultural, aprendida ao longo da vida que envolve processos plurais e culturais. Ainda de acordo com a autora, as possibilidades de expressar a sexualidade, os desejos e os prazeres também são sempre socialmente determinados e codificados.

A partir do apontado acima, as relações de gênero estão presentes em todas as instituições que compõem a sociedade, o que inclui o ambiente escolar. Tendo em vista que se trata de uma instituição social que transmite informações no que se refere aos desempenhos, atitudes, modos de agir e às condutas de seus estudantes, espera-se que através de um trabalho que abarque tais discussões, os estudantes possam desenvolver comportamentos mais empáticos e humanizados (SCIOTTI *et al.*, 2019).

Tal ponto é enfatizado por Louro (1997, p.89) ao afirmar que “o que fica evidente, sem dúvida, é que a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino”. Ainda que os processos educativos atribuam papéis sociais atrelados ao sexo biológico, essa mesma educação pode auxiliar na transformação e ressignificação destes, o que potencializa a desnaturalizar pensamentos preconceituosos e estigmatizantes (SANTOS, 2015).

Desse modo, é essencial que a escola possua um olhar cuidadoso em relação aos estudantes, com o objetivo de reduzir danos, zelar, proteger e levar conhecimento aos sujeitos, para que cada um possa se expressar e ser quem realmente é, sem julgamentos e estereótipos. As instituições educativas são um importante espaço de desenvolvimento e aprendizagem que devem promover reflexões sobre temas que vão além dos encontrados nos livros didáticos, combatendo assim, a exclusão, a opressão sofrida por mulheres, negros, pobres e homossexuais e o sentimento de ódio diante da diversidade (SOUZA; SOBRAL, 2018).

A formação docente propicia relevantes tomadas de consciência sobre as demandas encontradas dentro das escolas, ao viabilizar uma conscientização acerca de atitudes existentes na sociedade, problematizando concepções estereotipadas tais como noções de que é o homem quem deve sustentar a família, a mulher ser a responsável única pelo cuidado da casa, meninos e meninas devem brincar separados e com determinados brinquedos específicos para cada sexo. Entendemos que tais questionamento fazem com que as escolas ultrapassem certos modelos tradicionais e ampliem a visão de mundo dos estudantes e da comunidade escolar como um todo.

Assim, as escolas se voltam para a interpretação das diversas realidades existentes onde o trabalho docente é a peça fundamental para uma significativa transformação social (MACHADO *et al.*, 2017). Por essa razão, entendemos que a escola precisa estar em constante diálogo com temas emergentes e de caráter social, para incluir discussões que apontem para o respeito às

diversidades (SANTOS, 2015). Porém, é visível que a maioria dos(as) professores(as) possuem grande dificuldade em refletir e debater as questões de gênero. Desse modo, o conceito parece distante da realidade em que estão inseridos, o que faz com que a noção de que masculinidades e as feminilidades são construções culturais não sejam efetivamente compreendida (MADUREIRA; BRANCO, 2015).

A escassez de pesquisas sobre gênero na educação infantil evidencia os desafios de consolidação da ideia de uma educação sexual escolar e de gênero, objetivando o estudo e a formação docente, tendo como base as atribuições sociais que são refletidas na escola, de forma que possamos argumentar acerca de ideologias culturais, buscando amenizar o silêncio, repressão e preconceito encontrados no contexto da Educação Infantil (CROCIARI; PEREZ, 2018).

Logo, é necessária a criação e manutenção de ações governamentais e o aprimoramento de políticas públicas entre as Secretarias de Educação e as escolas, tendo como propósito promover pesquisas e discussões relevantes em relação ao currículo escolar e à formação inicial e continuada de docentes, trazendo problematizações, reflexões e debates pertinentes vinculados às questões de gênero. Segundo Silva e Torres (2012), essas práticas possuem importância na preparação dos profissionais em trabalhar às questões de gênero dentro do contexto escolar, para que possam apresentar e argumentar debates acerca do tema, indo contra situações de discriminação e violência, e assim, haver a construção da cidadania de forma inclusiva e baseada na equidade.

A partir dos pontos levantados, este trabalho tem como objetivo discutir as possibilidades de formação docente em torno da concepção de gênero a partir de um relato de um grupo com educadores e discentes que atuam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, dando enfoque aos desafios enfrentados no cotidiano profissional e os desdobramentos sociais presentes nesse contexto.

2 GÊNERO NAS ESCOLAS

Segundo Almeida, Jaehn e Vasconcellos (2018), a retórica conservadora tem buscado espalhar medo e insegurança através de discursos moralizantes e consequentemente fortalecer o conservadorismo político. Dentre estes, estão formas equivocadas de se referir à concepção de gênero o qual configuraria uma ameaça à organização da “família tradicional brasileira”, destruindo seus valores por meio do processo pedagógico. Trata-se de grave oposição a proposta de educação democrática, pois impede que os profissionais da educação tenham liberdade para falar de assuntos que escapem a um modelo imposto pela sociedade pelo moralismo conservador. Por exemplo, professores têm sido acusados de promover a chamada “ideologia de gênero” e as políticas educacionais têm eliminado as questões de gênero no currículo escolar, contrariando as recomendações de documentos oficiais, como o Plano Nacional de Educação, o Plano de Diretrizes de Estudos e Parâmetros Curriculares Nacionais.

Em meados de 2014 e final de 2015, a noção “ideologia de gênero” se difundiu nos noticiários e nas mídias sociais, quando novos empreendedores de tal cruzada moral apareceram em cena, travando uma batalha para barrar iniciativas educacionais sob a perspectiva de gênero. Para seus críticos, “gênero” seria o nome de uma “ideologia”, de definição tão abrangente quanto difusa, de consequências nocivas a crianças e adolescentes.

Balieiro (2018) aponta que, a partir desse momento, o Movimento Escola Sem Partido, em seu movimento de pretensão combate à doutrinação ideológica nas escolas, se promove como agenciador moral de combate à “ideologia de gênero”. Segundo o mesmo autor, com a disseminação dessa virtual ameaça às crianças, foi possível barrar iniciativas de combate à homofobia nas escolas, impedir o uso do termo gênero nos planos educacionais e impedir ou cercear expressões em torno da diversidade sexual. Tal pânico moral serviu ao impedimento da apreensão racional dos eventos, distorcendo-os, contribuindo para a disseminação de preconceitos, reiterando

perseguições agressivas a alvos momentâneos e até forçando limites ao livre pensamento.

Entendemos ser responsabilidade da escola refletir sobre os preconceitos existentes, evidenciando que, em diversas sociedades, essas diferenças acabam se transformando em desigualdades, excluindo grupos e até mesmo levando a morte de pessoas, devido a cor de sua pele ou pelo fato de serem mulheres, crianças, gays, lésbicas, transexuais, intersex, pobres, por seguirem determinada religião ou serem oriundos de certas nacionalidades. A escola, em todas as esferas, deve ter como preceito fundamental a expansão do conhecimento de seus discentes, docentes, entre outros profissionais que nela atuam. Ainda que o debate acerca do gênero tenha sido combatido e retirado de documentos que deveriam orientar as políticas públicas educacionais, o tema está presente no cotidiano da escola, seja nas mais diferentes atividades realizadas em sala de aula ou interações entre os estudantes nos intervalos das atividades formais (MIRANDA; MAIA, 2017). Por isso, qualquer tema que as crianças tragam para discussão deve ser ouvido e problematizado, o que inclui o debate em torno das diferenças e das relações de gênero (FELIPE, 2019).

A partir de iniciativas voltadas para a luta de direitos e ações afirmativas, observou-se o incentivo via projetos sociais com o intuito de se questionar ações discriminatórias dentro e fora do meio escolar e a criação de políticas educacionais voltadas para o reconhecimento e respeito das diversidades culturais, a promoção da igualdade e o enfrentamento dos preconceitos (WELTER; GROSSI, 2018).

Esse processo, parte da premissa de que a instituição escolar busque incluir e possibilitar a todas as parcelas da população - as quais historicamente vêm sendo segregadas através de atos excludentes presentes em discursos de ódio e práticas que promovem pensamentos que são e foram enraizados e até mesmo normalizados socialmente - possibilidades para que desempenhem seus direitos diante de uma educação livre de desigualdades e preconceitos. Assim, é de suma relevância, viabilizar a formação de docentes que

compreendam, respeitem e exaltem a diversidade existente na sociedade e, conseqüentemente, dentro da própria escola (SOUZA; SOBRAL, 2018).

Implementar nas escolas públicas uma educação em direitos humanos requer a criação de condições para que as pessoas não se limitem aos marcos normativos de gênero e sexualidade e possam viver livres da violência. Desse modo, é fundamental para a promoção da igualdade uma transformação nos modos de representação e figuração sobre gênero e sexualidade, sendo o principal desafio ético, a desconstrução do marco da heteronormatividade (OLIVEIRA; DINIZ, 2014).

Oliveira e Maio (2012, p.54) afirmam que “a formação inicial é apenas o primeiro caminho. E que, ao decorrer do tempo, os docentes que trabalham, principalmente com educação sexual, devem aprimorar os seus conhecimentos e suas práticas”. Ademais, os temas gênero e diversidade sexual, apesar de terem sido implantados em alguns currículos há algum tempo, ainda evidenciam, por parte dos professores(as), uma abordagem imprecisa, sendo muitas vezes permeada por erros e ideologias que aparecem como barreiras para uma prática docente de qualidade.

Dessa forma, é importante que a escola forneça um espaço que garanta a integridade física e psicológica de discentes e docentes em suas diferenças, sendo este o primeiro passo ao enfrentamento da violência. Para que isso aconteça, é necessário promover a quebra dos modelos universais, uma vez que existam diferentes formas de ser mulher e de ser homem, como também o reconhecimento da diferença, não como desigualdade, mas como uma potente estratégia pedagógica de discussão da diversidade humana (MOREIRA *et al.*, 2021).

A atuação docente deve considerar que as questões de gênero são potentes e auxiliam na formação dos indivíduos e a combater comportamentos e falas discriminatórias. Além disso, deve-se estar atento ao fato de que as diferenças culturais entre meninos e meninas podem proliferar uma cultura de violência e desigualdade entre os gêneros, tornando-se necessário pensar em práticas que superem essas desigualdades (AMARO, 2017).

Desse modo, os cursos de formação docente precisam destinar um tempo para entender os sentidos de sua formação e de sua profissão, bem como, refletir sobre os vínculos entre o fazer docente e as teorias, desconstruir concepções veladas no espaço escolar e que vem colaborando para estigmatizar, segregar e excluir através de dispositivos e ações que passam a fazer parte de suas identidades dentro do contexto escolar. Louro (2014) afirma que é na escola que se aprende lições atravessadas pelas diferenças, a partir das quais os diferentes sujeitos se envolvem e se manifestam com as imposições sociais, as aceitam, reagem, recusam, enfrentam ou assumem.

Perante o exposto, ações educacionais no campo da formação de professores(as) - que são tidos como relevantes agentes sociais visto que trabalham diretamente com crianças e jovens e suas expectativas, angústias, prejulgamentos e potencialidades - auxiliam assim, na obtenção de novos modelos éticos, culturais e pedagógicos, contexto que carece de novos conhecimentos e responsabilidades para o aprimoramento da profissão, em especial, dentro de sociedades e grupos embasados em ideais de exclusão, de negação de direitos e de imposição de padrões (SOUZA; SOBRAL, 2018). Para tanto, é preciso que os docentes contemplem as discussões em torno da temática de gênero e sexualidade como transversais aos demais conteúdos escolares, em diálogo com diferentes campos do conhecimento.

3 METODOLOGIA

O trabalho de formação docente proposto teve uma duração de cerca de quatro meses, entre a divulgação e realização. Foram ofertados seis encontros quinzenais entre março e maio de 2021. Enquanto público-alvo, ficou definido que seriam educadores ou estudantes em formação que atuassem na educação infantil ou ensino fundamental.

Enquanto metodologia foi utilizada nos encontros a modalidade de grupo de discussão. De acordo com Manrique e Pineda (2009), o intuito deste tipo de grupo é estabelecer uma participação ativa do sujeito na pesquisa, atribuindo-

lhe liberdade para expressar sua opinião sobre o sentido de suas ações relacionadas às suas vivências. Através dessa proposição, permite-se que cada sujeito presente no grupo tenha a chance de se posicionar, apresentar pontos de vista, desconstruir pensamentos e averiguar o conjunto de opiniões comuns durante a interação e os debates (CALLEJO, 2001).

Através de tal proposta, espera-se garantir o diálogo entre os participantes, evitando relações de dominação que podem aparecer no espaço social e que poderiam dificultar a existência e efetividade de tal processo (SÁNCHEZ-PINILLA; LEGERÉN, 2008). Desse modo, o grupo de discussão configura-se como uma técnica em que os conflitos sociais possuem um lugar privilegiado para a imersão e trabalho, visto que coloca em embate discursos sociais apresentados pelos membros do grupo, abrindo-se a possibilidade de produção de novos sentidos (IBÁÑEZ, 2010).

Diante dessa perspectiva, consideramos o grupo de discussão como uma relevante ferramenta de investigação, especialmente em situações que ocorrem o entrelaçamento de ideias e subjetividades. É constituído por um conjunto reduzido de pessoas, reunidas com o propósito de realizar conversas acerca de determinados temas, na qual a discussão não procura ter como objetivo a busca de consenso entre os participantes, o que possibilita é recolher vastas opiniões e pontos de vista que podem ser tratados extensivamente (FABRA; DOMÈNECH, 2001; SANTOS, 2009).

Ao partir do tema proposto – o debate sobre gênero dentro do contexto escolar e trabalho docente – entendemos que a escolha metodológica adotada, ao ter como principal finalidade a conversação entre todos os participantes, possibilita a problematização, questionamento e ressignificação de certas concepções sociais e culturais, frente às situações de conflitos,

Devido a pandemia pelo coronavírus, o grupo foi realizado de modo remoto, no qual os encontros duraram em média uma hora e meia cada. No que tange a proposta, em cada encontro era discutido um tema específico, mas sempre tendo como base problematizar de que modo a questão do gênero aparece no cotidiano escolar. Entre as temáticas trabalhadas, destaca-se a

identidade de gênero, as relações entre gênero e docência na Educação Infantil, os obstáculos na formação de docentes, entre outros.

Dentro de cada assunto abordado, foi proposto reflexão, discussão e envolvimento de todos os participantes, de modo a exporem suas experiências acadêmicas e profissionais e, conseqüentemente, haver uma troca de saberes. Sob este princípio, foram criadas atividades com situações problemas a partir das quais se buscava levar os(as) participantes a pensar sobre como agiriam em tais contextos. Leitura e discussão de textos e vídeos acerca do tema, resolução de possíveis propostas de intervenção dentro do ambiente escolar, entre outras atividades também foram utilizadas.

Ainda que inicialmente as vagas para o projeto tenham sido preenchidas no período de inscrição, o grupo formado se manteve com três participantes assíduas, chamadas neste trabalho de P1, P2 e P3. Outros participantes também integraram o trabalho mas não deram continuidade ao mesmo. As três participantes eram mulheres, sendo duas estudantes de Pedagogia e uma docente da Educação Infantil.

Por fim, cabe destacar, como afirma Ortega (2005), que as informações adquiridas através das participantes elucidam e dão a conhecer os aspectos internos da problemática em discussão por meio da riqueza das subjetividades compartilhadas e apreendidas pelo grupo, para a construção de seus próprios discursos, em um espaço onde a autonomia, a liberdade de expressão e a reflexão crítica permitem adequar, articular e integrar perspectivas individuais e coletivas estabelecidas entre os membros do grupo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base na realização do grupo de gênero e docência foi observado que um dos temas mais debatidos e problematizados se refere à atribuição docente frente a situações de discriminações, sendo um dos exemplos mais marcantes a dicotomia entre meninos e meninas. Foram indicadas situações pelos(as) participantes como o fato de que muitas vezes alguns pais e

professores(as) tem o ideal de que meninos devem usar determinadas cores e brincar com certos tipos de brinquedos, enquanto as meninas devem brincar com outros, por exemplo.

Esse fato foi exposto ao grupo numa atividade em que deveriam solucionar uma situação problema hipotética que dizia respeito a duas professoras do Ensino Infantil que, na elaboração das caixas de brinquedos, houve um embate entre duas participantes. Uma delas acreditava que deveria ter duas caixas (uma para meninos, contendo carrinhos e bonecos de super-herói e outra para as meninas, com bonecas, casinha e brinquedos com a cor rosa). A outra considerava que o melhor seria ter uma única caixa com diversos brinquedos e a criança escolheria com o que brincar. Durante a apresentação dessa situação problema, uma das participantes contribuiu para a discussão, expondo um exemplo vivenciado por ela através de um projeto de extensão da graduação, na qual não havia divisão de brinquedo de meninas ou meninos, como é relatado nos trechos a seguir:

“As crianças são mais livres para brincar e serem criativas sem a separação dos brinquedos...Para a criança não existe diferença de brinquedo, isso é um preconceito do adulto”. (P2).

Essa situação também foi apresentada em Mariano e Altmann (2016), ao enfatizarem as diferentes atuações docentes. As autoras citam como exemplo em que numa dada escola um professor apresentava atividades mistas aos seus alunos, não separando as crianças por gêneros, tendo como resultado o fato delas terem liberdade e capazes de se integrar em variados grupos. Em contrapartida, nessa mesma escola havia outra professora que tinha falas discriminatórias e separava as crianças por gênero, fazendo com que os estudantes incorporassem esses comportamentos e reproduzissem essa divisão de mundo. Assim, chegaram a conclusão de que as intervenções em que os(as) docentes não impõem seus pontos de vistas particulares, tendem a gerar relações de gênero menos hierárquicas e desiguais.

Ademais, outro ponto trabalhado nos encontros concerne às dificuldades encontradas na formação inicial e continuada docente. De acordo com Leão e Ribeiro (2013), as disciplinas que abarcam o tema educação sexual, encontram-se escassas nas graduações que oferecem cursos de licenciatura, sendo esses os cursos que mais necessitam se responsabilizar perante a formação de seus profissionais relacionado ao trabalho do tema em questão. Essa precariedade na formação desses profissionais foi relatada na fala das participantes, como evidenciado nos seguintes trechos:

"Existe uma falta de formação adequada aos professores, que contemple as discussões de gênero e os deixem mais preparados para a prática." (P2).

"... os professores não adquirem o preparo necessário para a prática profissional e acabam tendo que aprender a lidar com diversos contextos sem o amparo e os recursos essenciais para um ensino de qualidade." (P1).

"Falta de políticas de apoio... desorganização dos governantes e dos órgãos públicos (MEC, Secretaria de Educação), além das formações propostas não englobarem todos profissionais. Já acerca do que falta na graduação? Debates e visões de fora da universidade..." (P1).

Outro aspecto relevante indagado pelos membros do grupo remete a imagem do professor homem na docência, principalmente na Educação Infantil, papel que é marcado por preconceitos e estereótipos como, por exemplo, o educador infantil homem ser visto como um potencial pedófilo ou ainda que a mulher ser considerada uma melhor ou mesmo única cuidadora para crianças pequenas.

Sayão (2005) aponta que os professores, quando iniciam a carreira nas escolas voltadas ao atendimento da primeira infância, muitas vezes são alvos de apostas de que não dariam certo naquele espaço, sendo submetidos a diversos tipos de espécies de testes que tem como objetivo identificar se dominam o conhecimento para tratar com as crianças e o "jeito" de lidar com elas. Destarte, esse estranhamento consiste na premissa da inadequação de uma figura masculina dentro de um contexto que se estabeleceu como um reduto feminino, devido a feminização do magistério.

Durante a discussão sobre esse tema, outra participante expôs algumas das suas vivências em relação ao tema trabalhado:

“Trabalhei em uma escola infantil que contratou um professor homem. Quando ele começou a trabalhar, muitos pais ficaram desconfortáveis com a presença dele na escola, mas com o passar do tempo, vendo seu trabalho e que as crianças gostavam dele, os pais pararam de comentar sobre a presença dele”. (P1).

Ao longo dos encontros, foi observado o receio e desinteresse de docentes diante do trabalho com a temática em questão, devido a pensamentos enraizados em nossa sociedade e tratados como tabu também dentro do espaço escolar. Essa conjuntura foi apresentada por uma de nossas participantes, estagiária em uma escola, que buscou realizar uma proposta de intervenção no local vinculada ao gênero, com o intuito de realizar uma discussão com os pais para levar conhecimento e informação. Porém, se deparou com a falta de abertura de algumas professoras diante dessa nova proposta, fato ainda muito recorrente atualmente. Segundo Welter e Grossi (2018) também é frequente presenciar o silenciamento diante de ações discriminatórias praticadas na escola ou fora dela, bem como, percepções baseadas no senso comum retratadas por profissionais da educação.

Um ponto de destaque nas discussões refere-se à visão dos pais e responsáveis a respeito da temática. Segundo as participantes, tal fato pode ser um complicador visto que alguns pais seguem e reproduzem com intenso rigor os padrões impostos socialmente e são altamente resistentes diante de algumas situações como, por exemplo, não aceitar que seu filho brinque com determinados brinquedos ou se vista de alguma forma diferente do esperado (como nas brincadeiras de fantasia).

Durante as discussões, foi ponderado que caberia aos profissionais da educação, muitas vezes terem que contornar a situação e dialogar com essas famílias, o que foi expresso em algumas falas de integrantes do grupo:

“... diante dessas situações não pode impor nada aos pais, para não criar resistências, mas uma opção é fazer uma reunião com os pais

para falar sobre a situação, durante a reunião deixar diversos brinquedos numa caixa e mostrar que as crianças se interessam por diversos brinquedos e não tem a divisão do que é de menino ou menina.” (P2).

“... um pai que criticou uma fantasia que o filho estava usando na escola, que era tido como algo feminino.” (P3).

“tem um dia na escola que pedimos para as crianças mandarem foto do seu brinquedo favorito, sendo que na maioria das vezes menino foi carrinho e menina boneca e, infelizmente não tem como saber se é realmente a criança ou os pais que escolhem tais brinquedos.” (P2).

Tal situação pode se dar devido ao fato de que as ações educativas realizadas por parte das famílias se distanciam muitas vezes daquelas oriundas da escola, o que explica o discurso de que a primeira educa seguindo suas tradições morais e religiosas, e a segunda almeja educar sob o viés da ciência, indo muitas vezes a direção oposta a delineada pela família.

Esse mesmo tensionamento talvez seja essa uma das razões que fez com que, ao longo da história, a escola tivesse se constituído como espaço formal de ensino e aprendizagem, com competência de discurso embasado nas diversas ciências, procurando se afastar cada vez mais do senso comum. Nesse sentido, entendemos que a instituição escolar pode contribuir para desconstruir condutas, inclusive aquelas que podem ser infringidas aos novos conhecimentos e sobre as relações sociais que exigem o respeito e a inclusão das diferenças, em todas as camadas sociais, embora sabe-se que a escola não possui essa atribuição sozinha (MAIO *et al.*, 2018).

Posto isso, a realização do grupo possibilitou a reflexão e a problematização acerca da concepção de gênero e seus desdobramentos. Através dos encontros foi evidenciado pelas participantes imensa dificuldade em se trabalhar a temática dentro do contexto escolar, visto que se deparam com o receio e desinteresse de grande parte da comunidade escolar, que ainda nos dias atuais tratam o assunto como um tabu. Porém, o desejo de mudança por parte de alguns docentes e a introdução do tema dentro das escolas, mesmo de maneira sutil, é uma conquista frente ao silenciamento diante de práticas discriminatórias e preconceituosas, sendo a escola um espaço primordial para esse processo.

Nesse sentido, a investigação da temática é vista com sendo de imensa importância e ainda pouco discutida dentro do âmbito da formação docente (o que também foi indicado pelas participantes do grupo). Devido a isso, é preciso elencar algumas questões acerca dessa formação profissional no contexto da sexualidade e diversidade, do papel que o docente ocupa dentro da instituição escolar infantil e as suas contribuições e dificuldades para a desconstrução e desnaturalização dos estereótipos e preconceitos (CROCIARI; PEREZ, 2019).

À vista disso, é notável a necessidade de preparar os(as) professores(as) para o trabalho com a diversidade dentro do contexto escolar, pois somente assim ocorrerá a transformação da prática escolar e, conseqüentemente as diferenças, especialmente as de gênero, serão valorizadas e respeitadas, em que os saberes e debates a respeito dessas diferenças irão colaborar para a formação humana (SANTOS *et al.*, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação docente vem sendo instigada a possibilitar aos educadores(as) reflexões e discussões acerca de diversas demandas, tidas como pautas emergentes, devido às tensões que podem ocorrer dentro e fora do espaço escolar. Ao questionar a ação pedagógica vigente e reconhecer o direito à cidadania que acompanha as transformações sociais e a luta pelos direitos humanos, é possível trazer em cena maior representatividade social e dar visibilidade aqueles que necessitam (SOUZA; SOBRAL, 2018).

Atualmente, o desafio da escola, para além da transmissão sistematizada dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, concentra-se no acolhimento e cuidado adequado das diferenças ao mesmo tempo em que possa disseminar conhecimentos de modo a romper com uma lógica preconceituosa e segregatória. Não se trata apenas de “aceitar” a diversidade, mas de construir uma cultura de respeito ao outro que é diferente, que pensa diferente, que se relaciona diferente (AMARO, 2017). Desse modo, pode-se

problematizar as maneiras pelas quais as relações de gênero se estabelecem e como as questões concernentes à diversidade e à orientação sexual se organizam nesse espaço. Essa elaboração escolar é herança da sociedade ocidental contemporânea, que tem produzido historicamente, preconceitos, estereótipos e sujeitos estigmatizados. A instituição escolar foi pensada a princípio para acolher somente alguns, não todos. Posteriormente, aos poucos, foram sendo incluídos outros indivíduos, que acarretaram em transformações relevantes ao contexto escolar, levando a necessária mudança em sua organização, nos currículos, na arquitetura, na formação docente, nos regulamentos, para enfim, procurar garantir não apenas o acesso mas o trabalho com e a partir das diferenças entre os sujeitos (LOURO, 2014).

Entretanto, foi observada durante a realização do grupo de gênero e docência, imensa dificuldade em se trabalhar determinados assuntos dentro do contexto escolar, descrito como um ambiente que vem se desconstruindo ao longo do tempo, mas que ainda é repleto de preconceitos, estereótipos e exclusão social. Esse fato muitas vezes se deve a falta de abertura de alguns profissionais e responsáveis, que ainda tratam a temática como sendo algo proibido e inquestionável.

Portanto, é primordial intensificar a discussão e a problematização acerca do tema da diversidade e da sexualidade, como também visibilizar as relações de gênero. Além disto, é necessário enfrentar a discriminação, o preconceito, o sexismo, a homofobia e qualquer outra forma de opressão e violência aos que se colocam como diferentes e fora dos padrões hegemônicos, sendo a escola um dos espaços fundamentais para se atingir tal propósito. Assim, entendemos que apenas quando a sexualidade for tratada com responsabilidade, discutida através de um debate envolvendo diferentes campos do conhecimento, será possível potencializar a quebra de diversos tabus e preconceitos amplamente disseminação na sociedade.

REFERÊNCIAS

Revista Mundi Sociais e Humanidades. Paranaguá, PR, v.08, n.,1 p. 01-21, jun./jul., 2023

ALMEIDA, Sandra Maciel; JAEHN, Lisete; VASCONCELLOS, Mônica. Precisamos falar de gênero: por uma educação democrática. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 13, n. 2, p. 1503-1517, 2018. DOI: 10.21723/riaee.v13.nesp2.set2018.11657

AMARO, Ivan. A docência no armário: o silenciamento das relações de gênero nos planos de educação. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 24, n. 1, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5335/rep.v24i1.6998>

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cadernos Pagu**, n.53, e185306, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200406&lng=en&nrm=iso.

CALLEJO, Javier. **El Grupo de Discusión**: Introducción a una Práctica de Investigación. Barcelona: Ariel, 2001.

CROCIARI, Ariane.; PEREZ, Marcia Cristina Argenti. Docência, Gênero e Educação Infantil: sistematizando os poucos estudos encontrados. **Anais do III Congresso de Educação PET Pedagogia: XII Amostra de Pesquisas em Educação**. Marcia Cristina Argenti Perez (Org.). Araraquara, 2018 (Brasil).

CROCIARI, Ariane; PEREZ, Marcia Cristina Argenti. O que estamos estudando sobre gênero na educação infantil: as lacunas na formação docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 1556-1568, 2019. DOI: 10.21723/riaee.v14iesp.2.12615. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12615>.

FABRA, Maria Lluïsa; DOMÈNECH, Miquel. **Hablar y Escuchar**. Barcelona: Paidós, 2001

FELIPE, Jane. ALBUQUERQUE, Simone Santos de; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellino. Scripts de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. **Para pensar a docência na educação infantil**. Porto Alegre: Evangraf, p. 238-250, 2019.

IBÁÑEZ, Jesús; FERRANDO, Manuel García; ALVIRA, Francisco. Como se realiza una investigación mediante grupo de discusión? **El análisis de la realidad social: Métodos y técnicas de investigación**. Madrid: Alianza Editorial, 2010

LEÃO, Andreza Marques De Castro; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Curso de formação inicial em sexualidade: relato de uma proposta interventiva. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 8, n. 3, p. 609-638, 2013. DOI: 10.21723/riaee.v8i3.6585. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/6585>.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MACHADO, Juliana Brandão; DA LUZ, Juliana da Rosa Brochado; FARIAS, Vagner Moraes. **Gênero e Formação de Professoras: por uma prática pedagógica crítica e reflexiva, EM BUSCA DA EQUIDADE**, 2017.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Ângela Uchoa. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 577-591, 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751492005>

MAIO, Eliane Rose; OLIVEIRA, Márcio; PEIXOTO, Reginaldo. Formação em gênero e educação para a sexualidade: considerações acerca do papel da escola. **Revista Nupem**, v. 10, n. 20, p. 51-62, 2018. DOI: <https://doi.org/10.33871/nupem.v10i20.353>

MANRIQUE, Ana María Mena; PINEDA, Juana María Méndez. La técnica de grupo de discusión en la investigación cualitativa. Aportaciones para el análisis de los procesos de interacción. **Revista iberoamericana de educación**, v. 49, n. 3, p. 1-7, 2009.

MARIANO, Marina.; ALTMANN, Helena. Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas? **Cadernos Pagu**, n. 46, p. 411-438, 2016.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de; MAIA, Bóris. Olhares, xingamentos e agressões físicas: a presença e a (in) visibilidade de conflitos referentes às relações de gênero em escolas públicas do Rio de Janeiro. **Horizontes Antropológicos**, n. 49, p. 177-202, 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832017000300177&lng=pt&nrm=iso

MOREIRA, Maria Ignez Costa et al. RELAÇÕES DE GÊNERO NA REDE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE: FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA. **Psicologia em Estudos**, v. 26, e47746, 2021 .

OLIVEIRA, Márcio de; MAIO, Eliane Rose. Formação de professores/as para abordagem da educação sexual na escola. **Espaço Plural**, ano XIII, n. 26, p. 45-54, jan./jun. 2012.

OLIVEIRA, Rosana Medeiros de; DINIZ, Debora. Materiais didáticos escolares e injustiça epistêmica: sobre o marco heteronormativo. **Educação e Realidade.**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 241-256, Mar. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/PnX3KXWJR3HJCvYsf4FwK5c/abstract/?lang=pt>

ORTEGA, Magdalena. El Grupo de Discusión. **Una Herramienta para la Investigación Cualitativa**, Barcelona, 2005. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=258101>>

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A educação sexual na formação de professores: sexualidade, gênero e diversidade enquanto elementos de uma cidadania ativa. In: Rabelo, A. O.; Pereira, G. P; Reis, A. M. de S. (Org.). **Formação docente em gênero e sexualidade**: entrelaçando teorias, políticas e práticas. Petrópolis: De Petrus et Alii, 2013, p. 7-17.

SÁNCHEZ-PINILLA, Mario Domínguez; LEGERÉN, Andrés Dávila. La práctica conversacional de grupo de discusión: Jóvenes, ciudadanía y nuevos derechos. **Estrategias y prácticas cualitativas de investigación social**. Madrid, 2008.

SANTOS, Maria Cecília Pereira. O estudo do universo escolar através da voz dos jovens: o grupo de discussão. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 22, n. 1, p. 89-103, 2009. DOI: 10.21814/rpe.13954. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/13954>.

SANTOS, Wendel Souza. AS RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Projeção e Docência**, v. 6, n. 2, p. 01-10, 2015.

SANTOS, Eliane Gonçalves dos.; WALCZAK, Aline Teresinha; CORDEIRO, Thamires Luana. QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE: UM DESAFIO NA FORMAÇÃO DOCENTE. **Anais eletrônicos VII Seminário, Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional, Corpo, Gênero e Sexualidade, e do III Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade**, Rio Grande, 2018. Disponível em: <https://7seminario.furg.br/anais>

SAYÃO, Deborah Tomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil**: um estudo de professores em creche. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/106572/223081.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

SCIOTTI, Fernanda Ferrari Ruis; PEREZ, Marcia Cristina Argenti; BELLIDO, Luciana Ponce. Ser professor na educação infantil: gênero e docência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 1569-1579, 2019.

SILVA, Aghata Teixeira; TORRES, Iraídes Caldas. Formação de professores em Diversidade Sexual e Gênero no Amazonas. In: **17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações de Gênero - REDOR**, 17., 2012, João Pessoa.

SOUZA, Lucyana Sobral; OLIVEIRA SOBRAL, Marcos Paulo. GÊNERO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO: TEMAS NECESSÁRIOS PARA À FORMAÇÃO DE PROFESSORES. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v. 11, n. 1, 2018.

WELTER, Tânia; GROSSI, Miriam Pillar. É possível ensinar gênero na escola? Análise de experiências de formação em gênero, sexualidade e diversidades em Santa Catarina. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 19, n.39, p.123-145, jan./abr.2018.

